

Introdução

Escrever esta dissertação não foi tarefa fácil. Ela é a retomada de um trabalho iniciado durante a graduação em Comunicação Social/ Produção editorial na ECO-UFRJ e concluído em 2004. Agora, aprofundando e ampliando o estudo realizado, é necessário reconhecer que ainda há muito a ser explorado: o assunto é tão rico que permite múltiplas abordagens, sem se esgotar. O tema pelo qual me decidi naquela época, e que decidi manter como foco durante o mestrado, a *Revista Civilização Brasileira*, é absolutamente fascinante, mas a pesquisa sobre ele envolveu inúmeras dificuldades. A maior delas, certamente, foi o contato com uma história que me é particularmente tocante, pois envolve a figura de meu pai, falecido há onze anos. Sim, porque quem estava à frente da *Revista Civilização Brasileira* era o editor Ênio Silveira, dono da Editora Civilização Brasileira, empresa que adotou uma linha especialmente combativa e atuante no período da ditadura militar.

Houve momentos em que me senti assustada pela figura paterna, amedrontada por uma aparição espectral que, paradoxalmente, era também o que me movia a seguir em frente. Essa mesma imagem, porém, indicava o trabalho a ser feito na tentativa de registrar uma parte do passado político e cultural deste país, recolhendo dados, fatos e impressões que não deixassem cair no esquecimento uma atividade editorial extremamente séria e comprometida com os ideais de um homem.

Esse homem, que conheci bem no convívio doméstico, não se me havia revelado, senão pelo que me chegava através de terceiros, em sua complexa e apaixonante atividade profissional. Minha pesquisa para este trabalho foi, portanto, uma maneira de me aproximar, de certa forma, de um lado de meu pai que eu não conhecia. Com isso, inevitavelmente, o sentimento de sua perda volta de modo cruel e pungente. Foi impossível evitar os insistentes pensamentos em que se manifestava o desejo de tê-lo ao meu lado e de contar com sua ajuda e sua orientação. Lendo os vários números da *Revista*, foram muitos os momentos em que tive de interromper o trabalho porque meus olhos se enchiam de lágrimas ao ver ali, revelando-se nas páginas amareladas que se esfarelavam sob o contato dos

meus dedos, traços do pai com quem gostaria de ter convivido mais e do brasileiro que admiro por sua atividade editorial e sua postura política. E havia também, naquelas páginas, traços de um Brasil passado, de características conjunturais e estruturais tão determinantes na formação do que somos hoje como povo, como sociedade. Ali estavam, portanto, traços do que me forma como indivíduo, num plano pessoal e familiar, e do que me forma como cidadã, num plano cultural e coletivo.

A *Revista Civilização Brasileira* foi possivelmente a publicação periódica mais significativa no período que vai de 1965 a 1968. O Brasil vivia, após o primeiro ano do Golpe, uma atmosfera política de incerteza e de repressão crescentes. Notícias de torturas começavam a aparecer nos jornais, ainda não totalmente calados pela censura. No embate de forças dentro da estrutura militar, a *linha dura* ganhava cada vez mais espaço. A Editora Civilização Brasileira caracterizou-se então como “ponto de encontro” de intelectuais de esquerda – de todos os matizes de esquerda. Era uma espécie de quartel-general da resistência, ao lado do jornal *Correio da Manhã*. Sua produção fervilhava, e chegou a lançar mais de um livro por dia útil. (FERREIRA, 1992, p.54)

A importância da *Revista* pode ser atestada pela análise de seu conteúdo, pelo depoimento de intelectuais que a acompanharam de perto, pela repercussão na imprensa e mesmo pela repressão que o governo militar julgou necessário impor sobre ela. Com a promulgação do Ato Institucional número 5, o AI-5, os editores foram obrigados a encerrar a publicação da *Revista*. Dez anos depois, porém, sob o nome de *Encontros com a Civilização Brasileira*, a publicação é retomada, indo até o início da abertura, na década de 80.

Este trabalho trata exclusivamente da *Revista Civilização Brasileira*, não abordando sua retomada em *Encontros*. Essa concentração foi imposta por limitações de tempo e de espaço. A dissertação tem, portanto, um foco específico e um caráter eminentemente descritivo. Isso se justifica pela necessidade de resgatar e trazer de volta à memória os traços físicos e de conteúdo que configuram o periódico, antes de proceder a uma análise mais aprofundada. Portanto, o que se faz aqui é iniciar um caminho, apontando possibilidades e abrindo espaço para futuros estudos.

Para se compreender a importância da *Revista*, porém, é fundamental compreender a situação política, social e econômica do Brasil nos anos de 1965 a

1968. Em função disso, o trabalho se inicia com um resumo das circunstâncias nacionais e internacionais que tornaram possível o Golpe de 64 e das suas consequências mais imediatas.

Em seguida, e também com intuito de situar o leitor, há uma síntese da história da Editora Civilização Brasileira – como surgiu, como se desenvolveu, o que marca sua linha editorial. São traços que ajudam a compreender a ideologia por trás da *Revista* e que contribuem para que se tenha uma noção da coragem e da coerência de Ênio Silveira e das pessoas que trabalhavam a seu lado.

O terceiro capítulo, dedicado à *Revista* propriamente dita, faz uma síntese de suas características físicas e uma breve análise de seu conteúdo, considerando as diversas seções em que se dividia o periódico e os vários temas por ele abordados. Fica patente a constante preocupação em manter uma linha aberta a vozes discordantes do governo e críticas à situação que o país vivia então, mas sem sectarismos partidários ou ideológicos. A polifonia resultante mostra o vigor do pensamento de esquerda da década de 1960 no Brasil e no mundo, bem como a mobilização dos intelectuais em defesa da liberdade de pensamento e de expressão.

O último capítulo aborda especificamente a seção de literatura e crítica literária da RCB, com o intuito de avaliar como a produção literária do país, tão significativa naquele momento, se espelhava nas páginas do veículo em questão. A grande discussão que dominava o meio artístico era a polêmica do engajamento *versus* alienação. Isso fica bastante evidente no modo como os colaboradores da *Revista* manifestavam-se sobre obras ficcionais, ensaísticas ou poéticas, fossem nacionais ou estrangeiras. O espaço dedicado a assuntos do mundo editorial e literário era considerável, o que é coerente com a posição do Conselho de Redação e especialmente do editor Ênio Silveira em relação ao livro, visto como instrumento de arejamento e enriquecimento das idéias e, portanto, como forma de conscientização e libertação.

O resgate histórico feito nos dois primeiros capítulos não é só um modo de introduzir o tema principal. Mais do que isso, revela a preocupação de renovar na memória de hoje as marcas de um passado que não devemos esquecer. Na introdução de *A era dos extremos*, Eric Hobsbawn chama a atenção para essa estratégia do esquecimento que caracteriza a nossa época:

“A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem.” (HOBSBAWN, 1995, p.13)

É com a esperança de poder fazer uma pausa nesse “presente contínuo” e restabelecer um vínculo com a experiência de gerações passadas que escrevi esta dissertação. Que possamos nos reconhecer hoje em função do que fomos ontem. A história pública de nosso país faz parte, inevitavelmente, da história particular de cada um de nós. Conhecê-la em seus diferentes aspectos é, portanto, uma maneira de conhecer melhor a nós mesmos. Não é, porém, um simples exercício de auto-análise. Mais profundo do que isso, é um mergulho mesmo nas fundações de nossa sociedade atual, ou, por que não, nas bases desta *civilização brasileira* em que vivemos.